



PERCEPÇÃO E ATUAÇÃO DE DOCENTES DO ENSINO MÉDIO FRENTE À HOMOSSEXUALIDADE NA ESCOLA

Sáskya Jorgeanne Barros Bezerra¹; Grayce Alencar Albuquerque²

1- *Universidade Regional do Cariri (URCA), email:saskyalu@hotmail.com*

2- *Universidade Regional do Cariri (URCA,) email:geycyenf.ga@gmail.com*

RESUMO: Sabe-se que a população homossexual sofre com discriminação por estarem fora dos padrões heteronormativos. O preconceito já se manifesta na adolescência, momento da descoberta da orientação sexual, acarretando dúvidas e sofrimentos. Torna-se importante a redução de agravos em saúde nos adolescentes, destacando-se a escola neste processo. No entanto, educadores têm apresentado dificuldades em abordar o tema. Estes necessitam reconhecer suas dificuldades e preparar-se para a intervenção junto aos discentes frente à temática. Objetivou-se conhecer as práticas e percepções de docentes do ensino médio quanto à condução e abordagem da homossexualidade nas escolas. Trata-se de estudo quantitativo, realizado com professores do ensino médio de três escolas no município de Juazeiro do Norte, Ceará. Utilizou-se para coleta de dados questionários estruturados sobre a temática. O estudo respeitou a resolução 466/12. Participaram do estudo 25 professores, a maioria do sexo masculino (68%, n=17), idade entre 30 a 35 anos (16%, n=7), pardos (28%, n=8), católicos (56%, n=14) e com mais de 10 anos de atuação (20%, n=5). Verifica-se que os docentes apresentam dificuldades de atuar frente à temática homossexualidade, não possuindo conhecimentos abrangentes sobre a mesma (40%, n=10) e ainda considerando-a uma opção (16%, n=04). Tais achados não pretendem culpabilizá-los pela carência de conhecimento, mas expor tal problemática para que se possa pensar em ações humanizadas e pedagógicas que combatam a homofobia. Acredita-se que esses educadores devem buscar conhecimentos sobre a homossexualidade partindo de um processo de formação que os tornem capazes para abordar e acolher a diversidade sexual na escola.

Palavras-chave: Docentes, heteronormativos, preconceito

INTRODUÇÃO

Sabe-se que a população homossexual sofre cotidianamente com o preconceito e discriminação social por manifestarem uma orientação sexual tida como desviante. Tal construto envolve uma aversão sentida ou expressa que pode ser direcionada a um grupo ou a um de seus membros (GOLVEIA et al., 2012) e que se manifesta em uma escala de

violência que varia desde agressões verbais contra a honra e a moral, até aos extremados episódios de violência física e sexual, consumados com requintes de crueldade (OMS, 2002).

As primeiras manifestações de preconceito e discriminação social contra homossexuais parecem surgir ainda na adolescência, quanto diante descoberta da



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

sexualidade e orientação sexual não heterossexual, o que acarreta neste grupo, o despertar de dúvidas e conflitos sexuais que podem resultar em sofrimento e materialização interna de preconceitos, manifestadas pela baixa autoaceitação, baixa autoestima e autodepreciação (CEARÁ, DALGALARRONDO, 2010).

Dentro deste contexto, objetivando-se a redução de agravos em saúde incidentes em adolescentes em processo de descoberta da sexualidade/orientação sexual não heterossexual e práticas eróticas homoafetivas, importante destaque tem a escola, considerada espaço de socialização e instituição-parte da sociedade. À escola tem sido atribuída a responsabilidade de preencher algumas lacunas, cabendo aos docentes das diversas áreas do conhecimento a tarefa de orientação quanto à sexualidade e diversidade sexual, numa perspectiva transdisciplinar.

No entanto, o que se observa na prática é uma massificação da homofobia na escola associada à postura de docentes que não desconstroem práticas homofóbicas. Isto se comprova pela Pesquisa Juventude e Sexualidades, realizada em 14 capitais brasileiras e 241 escolas, publicada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) em 2004, na qual foram entrevistados 3.099 educadores/as, dos quais 60% não sabiam

como abordar a questão da homossexualidade em sala de aula porque não tinham conhecimento suficiente acerca das questões relacionadas à temática; tal dado mostra o despreparo dos profissionais de educação para atuar com a homossexualidade na escola e como este fato provavelmente colabora com a reprodução do preconceito (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004).

Assim, o docente que se responsabiliza por esse trabalho deve ser alguém que, além de possuir bom contato com os discentes, seja um interlocutor confiável e significativo para acolher as expectativas, opiniões e dúvidas, além de ser capaz de conduzir debates sem impor suas opiniões e livre de quaisquer preconceitos e discriminações (LIRA, JOFILI, 2010).

Para tanto, os docentes necessitam entrar em contato com suas próprias dificuldades e preconceitos diante do tema e preparar-se para a intervenção prática junto aos discentes, propiciando a criação de um espaço grupal de produção de conhecimento.

Neste sentido, o estudo objetivou conhecer as práticas e percepções de docentes do ensino médio quanto à condução e abordagem da homossexualidade nas escolas.

MÉTODO

Trata-se de um estudo exploratório, descritivo e de abordagem quantitativa, realizada com professores do ensino médio de

www.generoesexualidade.com.br

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br



três escolas localizadas no município de Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil, cuja população é de 249.939 mil habitantes (IBGE, 2014).

As escolas de ensino médio foram selecionadas levando-se em consideração os critérios: i) grande quantitativo de docentes vinculados, ii) facilidade de acesso aos prédios e iii) existência de instalações adequadas para a aplicação dos questionários.

Foram convidados a participarem docentes vinculados a estas instituições de ensino que contemplaram os seguintes critérios de inclusão: i) ser docente de qualquer área do conhecimento e ii) estar presente no momento da abordagem.

O desenvolvimento da pesquisa teve início a partir da solicitação para coleta de dados junto à direção das instituições de ensino. Na ocasião, a proposta do estudo foi apresentada. Após formalização do apoio e autorização pela direção das escolas foi conduzido um encontro com os docentes, previamente agendado, para apresentação do estudo e aplicação do instrumento de coleta de dados.

Adotou-se como instrumento de coleta de dados questionários com indagações sobre a temática. Os dados obtidos foram organizados por meio da contagem numérica absoluta e relativa e analisados à luz da literatura pertinente.

O estudo obedeceu aos princípios éticos da Resolução nº 466/12, do Ministério da Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram do estudo 25 professores do ensino médio, a maioria: do sexo masculino (68%, n=17), com idade entre 30 a 35 anos (16%, n=7), pardos (28%, n=8), católicos (56%, n=14) e com mais de 10 anos de atuação profissional (20%, n= 5).

Quando questionados a respeito de sentimentos e práticas educativas referentes à homossexualidade na escola, os docentes revelaram em sua maioria, que a temática não lhes causa constrangimento para abordagem (56%, n=14), embora 40% (n=10) não se sintam seguros para discutir estas temáticas na escola, mesmo já tendo lecionado para discentes homossexuais (60%, n=15) (Tabela 1).

Neste sentido, é importante que as escolas devem selecionar docentes que se sintam preparados para debater esses temas com os discentes (SEFFNER, 2009).

Tabela 1 – Sentimentos e práticas educativas de docentes frente à homossexualidade. Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil, Março de 2016.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

	Valor Absoluto	Valor Relativo
Falar de homossexualidade é uma temática que lhe constrange?		
Sim	01	04%
Não	14	56%
Não respondeu	11	44%
Leciona ou já lecionou para discentes homossexuais?		
Sim	15	60%
Não	11	00%
Não respondeu	10	40%
Se sente seguro para responder aos discentes perguntas ligadas à sexualidade e homossexualidade?		
Sim	09	36%
Não	06	24%
Não respondeu	10	40%

Fonte: Aplicação de Questionários aos docentes

Quanto a opinião dos docentes sobre o que acreditam ser a gênese homossexualidade, observou-se que a maioria (68%, n=17) em conjunto não sabem e não responderam ao quesito. Em valor equivalente (12%, n=03), docentes apontaram ser a homossexualidade uma condição genética isolada ou associada a experiências de vida (Tabela 2).

Infere-se que o pouco conhecimento sobre esta condição seja resultado das hipóteses evolutivas apresentadas até o momento, que não são fundamentadas em evidências empíricas consistentes e, além disso, podem ser precipitadas, já que ainda não há consenso científico sobre se a

homossexualidade seria geneticamente determinada ou não (MENEZES, BRITO; 2007).

Tabela 2 – Opinião de docentes quanto à gênese da homossexualidade. Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil, Março de 2016.

Opinião quanto à gênese da homossexualidade:	Valor Absoluto	Valor Relativo
É genética, ou seja, já “nasce com a pessoa”	03	12%
É aprendida, ou seja, depende das experiências de vida da pessoa.	00	00%
É uma escolha, ou seja, a pessoa opta por ser homossexual.	02	08%
É genética e aprendida, ou seja, é o resultado da interação entre a genética e as experiências vividas.	03	12%
Não sei	05	20%
Não responderam	12	48%

Fonte: Aplicação de Questionários aos docentes

Indagou-se ainda aos docentes qual o significado da homossexualidade. A maioria (40%, n=10) optou por não responder ao questionamento. Em segundo lugar, 20% (n=05) dos docentes apontou que a homossexualidade é uma possibilidade de se viver a própria sexualidade e em terceiro lugar (16%, n=04) é considerada uma questão de opção (Tabela 3).



Importante destacar que homossexualidade é definida em termos de orientação sexual, a homossexualidade não é uma opção que depende da vontade do indivíduo, como uma deliberação consciente (FILHO, 2009), embora essa ideia ainda persista como verdade.

Tabela 3 – Opinião de docentes quanto ao significado da homossexualidade. Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil, Março de 2016.

Significado de Homossexualidade para os docentes	Valor Absoluto	Valor Relativo
É uma questão de opção da pessoa.	04	16%
É uma possibilidade de vivência da própria sexualidade.	05	20%
É uma condição que deveria ser tratada por especialistas.	00	00%
É uma questão que deve ser respeitada, mas faria tudo para evitar que seu filho (ou filha) fosse homossexual.	02	08%
Homossexualidade não é questão de doença, e sim de moral, sendo importante não se deixar levar.	01	04%
Outras	03	12%
Não respondeu	10	40%

Fonte: Aplicação de Questionários aos docentes

Por fim, indagados se já atuaram na resolução de conflitos dentro da escola que tiveram como motivo a homossexualidade, docentes optaram por não responder (40%, n=10), 40% (n=10) nunca se envolveram e 20% (n=05) apontaram que já participaram de

alguma tentativa de resolução de conflito que envolvesse o tema.

Essa realidade reforça a invisibilidade da homossexualidade nas escolas. Nesta prevalece o silêncio sobre a diversidade, constituindo-se a heterossexualidade como a única forma de expressão sexual e obrigatória, que culmina em uma desqualificação de outros modos de viver a sexualidade, gerando a prática discriminatória (LIONÇO; DINIZ, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se que os docentes ainda apresentam percepções e condutas que reforçam padrões heteronormativos na prática escolar.

No entanto, tais achados não pretendem culpabilizar os docentes pela carência de conhecimento sobre a temática e conduta não holística, mas acima de tudo, expor tal problemática para que se possa pensar em ações que busquem a humanização e o combate a homofobia.

Neste sentido acredita-se que os docentes devem buscar conhecimentos acerca da homossexualidade a partir de um processo de formação continuada que os tornem capazes e sensíveis a adotar medidas para abordar e acolher a diversidade sexual na escola.



REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L.B. Juventude e Sexualidade. Brasília: UNESCO Brasil, 2004, p. 426.

CEARÁ, A.C; DALGALARRONDO, P. Transtornos mentais, qualidade de vida e identidade em homossexuais na maturidade e velhice. **Ver Psiq Clín.** 2010, v. 37, n. 3, p.118-23.

FILHO, S. A. Teoria sobre a gênese da homossexualidade: Ideologia, Preconceito e Fraude. Diversidade Sexual da Educação: problematizações sobre homofobia nas escolas. 2009, p.95-124

GOLVEIA, V. et al. Valores e motivações para responder sem preconceito frente a Narrativa da diversidade sexual. In: homossexuais. **Psicologia em Estudo**, 2012, v.17, n. 2, p.215-225. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722012000200005

LIONÇO, T; DINIS, D. Narrativa da diversidade sexual. In: Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio. Brasília: Letraslivres: Edunb. 2009, p. 47-61.

LIRA A.; JOFILI Z. O tema transversal orientação sexual nos pcn e a atitude dos professores: convergentes ou divergentes? **REMPEC - Ensino, Saúde e Ambiente**, 2010, v 3, n 1, p. 22-41.

MENESES, A. B. C.; BRITO, R. C. S. Reflexões sobre a homossexualidade como subproduto da evolução do prazer. *Psicologia em Estudo*. 2007

OMS. World Report on Violence and Health. Geneva: World Health Organization Press. 2002

SEFFNER, F. Masculinidade bissexual e violência estrutural: tentativas de compreensão, modalidade de intervenção. In: UZIEL, A.P.; RIOS, L.F; PARKER, R.G (Orgs.). Construções da sexualidade. Rio de Janeiro: IMS/Uerj, Abia, 2004.

UNESCO. O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam o que almejam... São Paulo: Moderna, 2004. Disponível em: http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/summary_en.pdf